

Uma publicação da Escola Espaço Bem Viver - Waldorf. Para contribuir com os pais e adultos na tarefa de educar.

jornal **BEM VIVER**

edição primavera 2009

nº2

“ AS BORBOLETAS SÃO FLORES QUE SE
DESPRENDEM DA TERRA, E AS FLORES SÃO
BORBOLETAS QUE A TERRA APREENDEU. ”

RUDOLF STEINER

CONTOS DE FADA FANTASIA MICAEL

PRIMAVERA

QUEM CONTA UM CONTO...

Os contos de fadas têm um papel de grande relevo nas escolas Waldorf, constituindo-se em fator fundamental na tarefa pedagógica de plasmar animicamente a criança nos anos escolares iniciais. Há, no entanto, uma grande dificuldade em se obter traduções fiéis ao sentido original dos contos, pois na maioria das vezes os próprios tradutores tentam “interpretá-los”, modificando certas passagens e com isto fugindo totalmente ao seu significado mais profundo.

É, pois, com entusiasmo que conseguimos um capítulo do livro *Bildsprache der Marchen* (Imagem pictórica dos Contos de Fadas), de Friedel Lenz, traduzido pela mãe de aluno de jardim de infância e comentado por sua professora, do Rio de Janeiro. O conto é dividido em trechos, seguidos por explicações da autora, que dessa forma nos transmite seu verdadeiro conteúdo.

O LOBO E OS SETE CABRITINHOS

Era uma vez uma velha cabra que tinha sete cabritinhos e os amava com todo amor que uma mãe tem por seus filhos. Um dia ela quis ir à floresta buscar alimento, chamou todos os sete filhos e disse: “- Queridos filhos, eu preciso ir à floresta; fiquem de guarda contra o lobo, pois se ele entrar aqui, comerá todos vocês, com pele, pêlo e tudo. O malvado frequentemente se disfarça, mas vocês o reconhecerão logo pela voz rouca e os pés pretos.” As crianças responderam: “Mãe querida, teremos cuidado, pode ir sem receio.” A cabra então fez “mé-é-é” e pôs-se a caminho, despreocupada.

Animais são seres sem conhecimento espiritual. Vivem a partir da sua esfera de impulsos, a partir do seu instinto. É verdade que os animais superiores são, de certo modo, como que dotados de alma; é, porém, uma alma ligada aos instintos, não uma alma-espírito mais consciente. Também o ser humano tem forças instintivas como as citadas e esta natureza instintiva se apresenta - tanto nos sonhos como nos contos de fadas- sob a forma de animais. Este conto de fadas relata de maneira singular o que pode suceder na esfera dos impulsos instintivos do ser humano. Este acontecimento se repete com tal frequência, que torna este conto de fadas um dos primeiros e mais importantes para as crianças.

O lobo é um predador, alimenta-se de carne quente, que obtém por intermédio de sua esperteza. Já para os mais antigos de nossos ancestrais, o lobo era a imagem da força obscura, que ameaça e aniquila a vida interior do homem. Para os nossos ancestrais a vida interior constava da Verdade e do Saber a respeito de um mundo divino. Vivenciavam esse mundo através da clarividência. No decorrer da evolução e transformação da consciência humana, essa clarividência foi-se obscurecendo, deram a esse processo o nome de “a atuação do lobo Fenris” (mitologia germânica). A partir de então, pode despertar no ser humano o engano, a falsidade, a mentira, e a posse que representa o mundo materialista, passou a ser a única verdade ao qual se quer aspirar; como o egoísmo e o amor-próprio exagerado podem tomar conta dos homens, surgiu nos contos de fadas a imagem de alerta: o lobo devora o homem.

O fato de ser a cabra o símbolo da curiosidade, já se revela na expressão que temos para os pequeninos chamando-os de “cabritinha curiosa”, “Kids”, nos Estados Unidos. Uma criança é como que feita de curiosidade, pois precisa vir a conhecer o

mundo no qual nasceu. Pode-se dizer que a curiosidade primordial vive nela. E não é somente isso. Manifestam-se na criança também impulsos de uma curiosidade jovem, sem malícia, desejosos de viver e vivenciar o mundo. Não se assemelham acaso à mãe-cabra e aos seus cabritinhos?

Não demorou muito, alguém bateu à porta chamando: “Abram a porta, queridos filhos; sua mãe está aqui e trouxe consigo algo para cada um de vocês.” Mas os pequenos sabiam que era o lobo pela voz rouca e gritaram: “Não abriremos a porta, você não é nossa mãe. Ela tem uma voz doce e agradável e a sua é rouca; você é o lobo!” Então o lobo foi até a loja de um comerciante e comprou um grande pedaço de giz, comeu-o e com isso tornou a voz suave e fina. Voltou então à casa e bateu: “Abram, filhinhos, sua mãe está aqui e trouxe consigo algo para cada um de vocês.” Mas o lobo tinha colocado sua pata preta na janela e as crianças ao vê-la gritaram: “Não abriremos a porta, nossa mãe não tem patas pretas como você; você é o lobo!” O lobo foi então até o padeiro e disse: “Machuquei o meu pé; passe um pouco de massa nele.” E após o padeiro ter-lhe passado a massa, correu ao moleiro e disse: “Passe um pouco de farinha branca na minha pata.” O moleiro pensou consigo mesmo: “O lobo quer enganar alguém” e recusou-se; mas o lobo disse: “Se você não o fizer, eu o comerei.” E o moleiro, com medo, fez com que a pata do lobo ficasse branca.

Na verdade às vezes a humanidade age assim. Os sete cabritinhos são a imagem dos sete instintos que estão relacionados com os sete principais órgãos internos: cérebro, pulmão, rins, coração, bilis, fígado e baço. Estes são de certo modo, os portadores e o apoio da nossa vida de sensações. O homem não tem consciência disso enquanto está são, já o homem doente, pelo contrário, tem muita. Na Bíblia encontra-se a expressão: “testar coração e rins”; e com certeza, não é uma referência a um exame sobre o estado orgânico desses dois órgãos, mas sim ao aspecto anímico que fundamenta esses órgãos. Pode-se fazer uma pergunta de modo puramente intelectual (a partir do cérebro apenas); contudo, pode-se também fazer uma pergunta de modo que nela vibrem sentimentos e emoções. Nesse caso participam outras regiões orgânicas interiores. Um exemplo é de quando queremos caracterizar uma determinada condição emocional e dizemos:

mal-humorado ou bem-humorado. A secreção da bilis ou “humor” é que dá origem e impulso para a pergunta. Por amor e pelo amor fala o coração. Na criança os impulsos para indagar estão pronunciadamente ativos; no entanto podem muito facilmente ser vítimas do obscurecimento.

A mente unicamente cerebral, comandada por uma lógica eloqüente, mas sem ética (o lobo) é ainda capaz de planejar detalhadamente algo que denominamos “maquiavélico”.

O malvado voltou então pela terceira vez à porta e bateu: “Abram para mim crianças, sua mãezinha está de volta e trouxe para cada um de vocês algo da floresta.” Os cabritinhos gritaram: “Primeiro, mostre-nos sua pata para sabermos se é nossa querida mãe.” E o lobo mostrou-lhes a pata pela janela e quando viram que era branca, acreditaram no que ele dissera e abriram a porta. Quem entrou porém foi o lobo. Os cabritinhos ficaram apavorados e procuraram esconder-se. Um correu para baixo da mesa, o outro debaixo na cama, o terceiro dentro do forno, o quarto na cozinha, o quinto dentro do armário, o sexto embaixo da pia e o sétimo, dentro do relógio. O lobo encontrou todos e não fez cerimônia; engoliu-os um por um. O mais novo, que estava no relógio de parede, foi o único que o lobo não encontrou. Satisfeito o seu apetite o lobo saiu de casa, deitou-se sob uma árvore na campina e adormeceu. Logo depois voltou a cabra da floresta e o que viu? A porta escancarada, a mesa, cadeiras e bancos revirados, a bacia quebrada, as colchas e os travesseiros fora da cama. Procurou os seus filhos, mas não os encontrou. Chamou-os um a um pelo nome e nenhum respondeu. Por fim, quando chegou a vez do mais novo, uma vozinha gritou: “Mãezinha, estou dentro do relógio”. Ela tirou o filhinho e ele contou que o lobo tinha entrado e comido todos os outros. Vocês podem imaginar quanto ela chorou pelos seus pobres filhinhos.

A busca egoística do materialismo ameaça como um poder devorador. Uma vida interna de inocência e confiança corre o perigo de ser aprisionada pela ilusão de que o mundo das sensações, para dentro do qual deslizamos alegremente, é tão somente o único e verdadeiro mundo. O ser humano é rebento da sua época, da sua civilização e tem de aceitar convencionalismos e meias-verdades, às vezes aceitamos passivamente fraudes e mentiras. E mesmo que haja um SABER interno alerta no campo dos instintos (representado pela mãe cabra), o poder lupino é grande e pode dominar o instinto inocente. Apenas o mais jovem dos cabritinhos, que está no console do relógio consegue salvar-se. Essa é aquela força que se abriga no coração pulsante, é a única que não será apanhada. Pois que, em seu coração, o ser humano abriga, apesar de todas as tentações, um autêntico instinto para o bem e esse instinto inocentemente sábio o auxilia a descobrir a maldade.

Finalmente, em seu desespero, a cabra saiu de casa e o mais novo dos cabritinhos a acompanhou. Chegando à campina, lá estava o lobo que dormia sob a árvore e roncava tão alto

que os galhos balançavam. Ela olhou bem para o lobo e viu que algo se mexia em sua enorme e cheia barriga. “Oh, céus, disse ela, será possível que os meus filhinhos que o lobo engoliu para o jantar, ainda possam estar vivos?” E então o cabritinho correu para casa a fim de apanhar tesoura, agulha e linha. A cabra cortou o estômago do monstro e logo que deu o primeiro corte, um dos cabritinhos colocou a cabeça para fora. Ela cortou mais e todos os seis saíram, um por um. Estavam todos vivos e sem nenhum ferimento, pois em sua gula o monstro os tinha engolido inteirinhos. Que alegria! Eles beijavam a mãe e pulavam tal qual um alfaiate no dia de seu casamento. Então a mãe disse: “Agora procurem algumas pedras grandes para enchermos a barriga desse malvado enquanto ele ainda dorme”. Os sete cabritinhos correram para pegar as pedras e puseram na barriga do lobo tantas quantas couberam e a mãe costurou-o às pressas. O lobo não sentiu nada e nem sequer se mexeu. Quando finalmente o lobo acordou, levantou-se e foi procurar um poço para beber água, pois as pedras em seu estômago o deixaram com muita sede. Porém, quando ele começou a andar, as pedras começaram a sacudir e soar em sua barriga. Então ele disse: “O que é que bate e bate nos meus pobres ossos? Eu pensava que eram seis cabritinhos mas parece que são pedras!”

E quando ele chegou ao poço e inclinou-se para beber água, as pedras fizeram-no cair e afogar-se.

Quando os sete cabritinhos viram isso, correram para olhar e gritaram: “O lobo está morto, o lobo está morto!” e dançaram de felicidade em volta do poço com sua mãe.

Tudo que ficou obscurecido é clareado por intermédio da força pura e amorosa do coração (através do cabritinho oculto no console do relógio), e reanima-se quando é libertado dos grilhões do mal. Cada instinto, órgão (os 6 cabritinhos) estão curados e podem renascer pela força do coração. Os cabritinhos enchem a barriga do lobo de pedras. A pedra é o símbolo do endurecimento máximo, da matéria morta. Note-se a palavra-imagem “petrificado”. A característica do lobo em seu aspecto da insaciável voracidade cai vítima de um materialismo petrificante e fatal. E esse endurecimento e peso são culpados pela sua queda no poço. A água do poço, imagem da fonte de vida revitalizadora, não conseguirá mitigar-lhe a sede, mas sim causar sua morte. Nosso conto de fadas é um conto cármico e provavelmente o primeiro que contamos às crianças. A perda da inocência e proteção paradisiaca e a confrontação com o mal estão retratadas nesse conto. As crianças, inconscientemente, vivem queda e redenção.

*Tradução do Conto: Mira Martins Hruby
Tradução dos Comentários: Edith Asbeck*



**Nego-me a me submeter ao medo,
Que me tira a alegria de minha liberdade
Que não me deixa arriscar nada,
Que me deixa pequeno e mesquinho,
Que me amarra, que não me deixa ser direto e franco, que me persegue,
Que ocupa negativamente minha imaginação, que sempre pinta visões sombrias.**

**No entanto, não quero levantar barricadas
Por medo do medo.
Eu quero viver e não quero encerrar-me.
Não quero ser amigável, por ter medo de ser sincero.
Quero pisar firme, porque estou seguro
E não para encobrir o medo.**

**E quando me calo, quero fazê-lo por amor
E não por temer as consequências de minhas palavras.**

**Não quero acreditar em algo,
Só pelo medo de não acreditar.**

**Não quero filosofar,
Por medo que algo possa atingir-me de perto.**

**Não quero dobrar-me,
Só porque tenho medo de que possam impor algo a mim.
Também não quero impor algo aos outros,
Porque tenho medo de não ser amável.
Por medo de errar, não quero tornar-me inativo.**

**Não quero fugir de volta para o velho e inaceitável,
Por medo de não me sentir seguro no novo.**

**Não quero fazer-me de importante,
Por ter medo de ser ignorado.**

**Por convicção e amor, quero fazer o que faço
E deixar de fazer o que deixo de fazer.**

Do medo quero arrancar o domínio e dá-lo ao amor.

**E quero crer,
No reino que existe em mim.**

BY RUDOLF STEINER

NEGO-ME AO MEDO

ARCANJO MICAEL

Certa vez escutei de uma senhora americana, visivelmente irritada- como se nós aqui do hemisfério Sul tivéssemos feito alguma escolha leviana- que não era possível comemorar Micael na Primavera, uma vez que ele representava forças interiores no homem. Mas é assim. E para mim é lindo, pois a Primavera é renovação. Mas o que é “comemorar” Micael?

Em parte de sua última obra escrita e quase ao final de sua vida, Rudolf Steiner⁽¹⁾ tratou de um tema ao qual denominou: “Máximas Antroposóficas”. Nele aborda um conteúdo denso que fala sobre qual seria a tarefa humana para esta era em que vivemos. Discorreu como nós, nos tempos atuais e nos que se seguiriam, usando da inteligência e da alta capacidade de consciência que a humanidade alcançara –quer fosse auto-consciência ou consciência ambiental- estávamos no limiar de difícil escolha: poderíamos avançar rumo a um total materialismo e mecanicismo em busca somente do prazer imediato, ou elevaríamos os ideais humanos, até que pudéssemos re-espiritualizar a nós mesmos, a nossa vida e ao mundo.

Olhando para o mundo atual, compreendemos o que significam estas suas palavras. Não falamos em apocalipse, mas sim da realidade que exige dos seres humanos uma escolha que parece cada vez mais premente. Ao mesmo tempo em que temos acesso a informações e a uma visão de mundo como nunca tivemos, o que vemos nos aterroriza um pouco. Talvez não por nós mesmos, pois aprendemos a conviver com as incertezas, mas pelos nossos filhos e netos. Nossa época exige de nós o conhecimento, a busca da verdade, o posicionamento firme e reto, a coragem, a determinação e uma imensa vontade para continuar a acreditar que podemos intervir positivamente nas transformações que o mundo espera. Toda esta super-consciência e esta coragem, é exatamente aquilo que representa a imagem de Micael.

No Brasil conhecemos a arquetípica figura de São Jorge dominando o Dragão e esta é também a forma de representar o Arcanjo Micael. Nesta imagem encontramos três símbolos: o Dragão, a lança ou a espada.

O Dragão representa tudo que precisamos encontrar e dominar nós a cada dia, não só fora de nós, mas principalmente dentro; aquele algo que não é bom de enxergar e que não devemos esmagar ou matar, mas reconhecer e usar a nosso serviço, revertendo e transformando. É o caminho de aprendizado e não da perfeição ou punição.

A enorme espada simboliza a força da palavra. É “a faca de dois gumes” que fere ou liberta, é a nossa “língua afiada”, ou pode ser ainda a fala que precisa ser renovada; para expressar sempre a verdade, para ir (ao menos de vez em quando) além da conversa corriqueira e penetrar em cada ser com força de cura.

As espadas antigas eram forjadas em ferro e este elemento representa a força. Quando nos falta ferro no organismo, enfraquecemos, tornamo-nos anêmicos. Assim como antigamente cada cavaleiro reverenciava sua espada a ponto de lhe dar um nome próprio (Durandel, de Rolando; Félix, de Carlos Magno; ou Excalibur do Rei Arthur), hoje nossa palavra precisa ser reverenciada como a maior arma humana; aquela que pode tecer a Paz ou destruir o mundo.

Às vezes a imagem de Micael é representada com uma lança. A característica principal de uma lança é que toda ela tem um alvo, uma meta e requer um eixo firme que a projete. Nosso eixo, que projeta ao mundo nossas intenções é exatamente nosso EU, é a nossa individualidade que no poder de seu livre arbítrio permeia-se de um altruísmo que seja cômico de seu papel no mundo. Micael nos traz esta força e mostra com a beleza de sua imagem aquilo que precisamos assumir em nosso tempo.

Esta é a mensagem de Micael, que comemoramos com toda singeleza com as crianças no dia 29 de Setembro. Neste dia, com todo respeito à pureza e delicadeza das suas almas infantis, faremos nossa “prova da coragem”. Cada um de nossos pequeninos encontra neste dia a sua “pedra preciosa” que representa a luz e a força que trazem em si. Nosso maior desejo neste momento de tanta reverência e expectativa, é o de prepará-los para quando um dia precisarem usar a espada e a lança no mundo real, para quando tiverem que escolher entre a verdade e a mentira, entre o cômodo e o difícil e principalmente quando precisarem se posicionar como adultos na escolha por um futuro mais humano e consciente.



Por favor, queridos pais, não nos julguem como professoras pretensivas, somos só otimistas e corajosas.

Feliz Dia de Micael
Maria Cecilia

A fantasia é o elemento vital e criativo do pensamento humano e pode ser pensada como a atividade que precede o pensar. Para entender melhor o que aqui afirmamos, vamos falar brevemente sobre as duas correntes de desenvolvimento da criança em seus primeiros sete anos.

A FANTASIA E O EXERCÍCIO PARA A LIBERDADE

A primeira corrente é aquela que podemos denominar de corrente formadora ou plasmadora, ligada ao querer ou vontade. Ela atua na criança de cima para baixo, da cabeça aos pés. Como já vimos uma vez na palestra em que falamos sobre o desenho infantil, até os 3 anos esta corrente atua especialmente na cabeça (desenvolvimento neurológico e percepção do ambiente); em seguida, até os 5 anos, atua na região torácica (respiração em especial e membros superiores) com possibilidade de início das habilidades motoras mais finas como por exemplo certos trabalhos manuais; e até os 7 anos quando a corrente atua na região abdominal e membros inferiores, possibilitando mais consciência do corpo como um todo e de habilidades como pular corda, andar de perna de pau etc. A segunda corrente de desenvolvimento atua de baixo para cima e podemos dizer que ela nos capacita para a socialização. É chamada de corrente anímica.

Na primeira fase - até os 3 anos - a criança está centrada em si mesma, vê o mundo como uma extensão de seu próprio corpo e portanto, não tem boa capacidade de socializar-se; dizemos que este período é do predomínio do querer. Na segunda fase (3 a 5 anos) prepondera o sentir e a criança estabelece interesse e relações mais fortes com os amigos. Na terceira fase (5 a 7 anos) o pensar vai manifestar-se mais fortemente fazendo com que as crianças percebam e tenham mais interesse pelas coisas ao seu redor, pelo mundo.

Tendo a imagem da corrente descendente e da ascendente constatamos que elas se encontram na região torácica entre 3 anos e meio a 4 anos de idade. A corrente da vontade ou querer e a do sentir juntas, formam como que um terceiro impulso e este é o que dá origem à fantasia. As imagens vão ser a principal forma de alimento e expressão das crianças a partir desta idade e esta manifestação é a fantasia. Quero abordar três formas de atuação de imagens sobre a criança: através dos objetos que ela manuseia, pelas palavras e sons que a rodeiam e pelas próprias imagens pictóricas que recebe.

Quanto aos objetos ou brinquedos, as crianças nesta idade vão expressar a fantasia essencialmente através de seu brincar. Este é o resultado da mobilidade interior de suas forças imaginativas ou de fantasia. Quanto mais possibilidades e liberdade tiver o seu brincar, mais a criança poderá usar seu poder de criação. Referimo-nos principalmente aos brinquedos; os melhores são aqueles que permitem acréscimos,

transformações, variações. Não deveriam ser demasiadamente determinados ou com mobilidade própria (pilha, corda etc.) a ponto de impedir as crianças de usar seus próprios movimentos para dar vida ao brinquedo. Pedindo perdão pela comparação, seria como ter uma Ferrari e nunca dirigi-la, mas só olhá-la. Haveria alguém fazendo tudo por nós.

A segunda referência que gostaria de trazer é sobre o que as crianças escutam em seu dia a dia. Se elas são alimentadas com uma fala não somente poética ou culta, mas plena de imagens, de conteúdos adequados a sua idade, de contos de fadas, de explicações imaginativas e não só intelectuais; se as crianças não estão todo o tempo expostas ao barulho (TV ligada, som tocando e a família conversando, às vezes tudo ao mesmo tempo), então elas crescerão com uma capacidade de cultivo do silêncio interior, o qual propiciará suas imaginações e suas próprias viagens interiores e terão maior abertura de interpretação de um conteúdo, uma flexibilidade de pensamento, uma capacidade de usar sua fala de forma rica. Por fim, as imagens pictóricas que podem ser agressivas, (e não falo de cenas de Jornal das 20 horas que eu nem consigo imaginar que algum deles veja), mas cenas rígidas em sua forma, extremamente definidas (quer sejam em livros ou filmes) e que não contribuirão em nada para desenvolver a riqueza na formação das imagens interiores que a criança faz, quando escuta a bela descrição da cena de uma história, por exemplo. Temos a tendência a estruturar tanto as coisas para as crianças (em imagens pictóricas, fala e brincadeira) que deixamos pouco espaço para que ela descubra por si mesma e venha a ter que criar. Afinal já demos tudo pronto! (podemos ter enlatados também neste aspecto não é mesmo?)

Como este é o nosso jornal de Micael e falamos tanto sobre um pensar consciente vamos refletir um pouco sobre como estamos educando as crianças, o que lhes damos de alimento para a alma e por fim, o quanto estamos formando mentes livres de preconceito, impregnadas de beleza e de anseio pela liberdade.

Afinal, como dizia Rudolf Steiner:
"É fácil educar uma criatura, mas queremos educar um criador".
Que Micael nos ajude na tarefa!
Maria Cecilia Bonna

PRIMAVERA



receitinhas

BEM VIVER



BOLO DE LARANJA COM FRUTAS FRESCAS

INGREDIENTES

- 200 gr de fruta fresca a gosto (morango, cereja, framboesa, amora etc)
- 180 gr de açúcar
- 120 gr de manteiga amolecida
- 50 gr de farinha de trigo
- 50 gr de maisena
- 50 gr de amêndoa moída
- 3 ovos
- 1 laranja
- 1 colher de chá de fermento em pó
- manteiga para untar, farinha e açúcar em pó para polvilhar

MODO DE PREPARO

- Ligue o forno a 180 graus. Unte uma forma com manteiga e polvilhe farinha. Raspe a casca da laranja e depois esprema o sumo.
- Numa tigela, bata a manteiga com o açúcar até ficar um creme liso e junte os ovos um a um sem parar de bater. Adicione a raspa da laranja e 3 colheres de sopa do sumo, junte também a farinha, a amêndoa, o fermento, a maisena e bata bem.
- Deite a mistura na forma e leve ao forno durante 45 minutos.
- Retire e deixe esfriar completamente.
- Decore com o açúcar fino e com as frutas frescas lavadas e cortadas. Fica bonito colocar folhas de hortelã.

